

ESBOÇO DE UMA RETÓRICA DO DISCURSO MESSIÂNICO

CLEBSON LUIZ DE BRITO*

GLAUCIA MUNIZ PROENÇA LARA**

RESUMO

Neste artigo, discutimos o componente argumentativo do discurso messiânico, entendido como um discurso cuja configuração alude ao quadro do mito bíblico do messianismo. Articulando as contribuições da semiótica francesa e da retórica, buscamos explorar os conceitos de *éthos*, *páthos* e *logos* no exame das relações entre enunciador e enunciatário no/pelo discurso em questão. Começando com uma abordagem teórica, seguida da análise de dois textos, procuramos traçar um esboço do que denominamos “retórica do discurso messiânico”, isto é, um conjunto de elementos que caracterizam o componente argumentativo desse discurso para além do campo religioso.

PALAVRAS-CHAVE: discurso messiânico, semiótica francesa, retórica.

INTRODUÇÃO

De acordo com a semiótica francesa (ou greimasiana), a enunciação é uma instância sempre pressuposta pela existência do produto que ela gera: o discurso-enunciado. Esse “objeto” pressupõe igualmente uma instância responsável pela discursivização: o sujeito da enunciação. Diferentemente do que pode parecer à primeira vista, essa instância não se resume ao enunciador, mas compreende também

* Mestre em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Bolsista da Fapemig/Capes-PDSE.
E-mail: clebsonlb@gmail.com

** Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo e Pós-Doutora em Semiótica pelo Groupe de Recherches Sémiotiques de L'École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de Paris. Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
E-mail: gmlara@gmail.com

o “tu” a quem ele se dirige, isto é, o enunciatório (GREIMAS e COURTÉS, 2008, p. 171).

Essa perspectiva da enunciação tem implicações importantes. De um lado, evidencia que enunciador e enunciatório, como desdobramentos do sujeito da enunciação, não podem ser tomados como pessoas reais, mas como imagens do destinador e do destinatário do objeto-discurso, as quais, configurando um nível enunciativo implícito, podem, no entanto, ser (re)construídas por meio do exame do enunciado. De outro lado, toma enunciador e enunciatório como coenunciadores, realçando o papel ativo do segundo no ato de linguagem, não apenas pela construção do sentido no processamento textual, mas também pela sua inscrição na própria produção discursiva. Com efeito, a imagem do enunciatório representa uma das coerções do discurso, pois é levada em consideração pelo enunciador na produção discursiva, funcionando, nesse sentido, “como uma espécie de filtro” (FIORIN, 2004, p. 117).

Depreende-se, assim, uma interação profícua entre enunciador, enunciatório e discurso, em um complexo jogo, cujo fim é a busca da persuasão. Não se leva em consideração o outro a não ser que se queira agir sobre ele. Por isso, nessa perspectiva, mais do que comunicar algo, todo ato de linguagem busca levar o outro a aceitar o que é comunicado.

A teoria semiótica, ao examinar, no âmbito da sintaxe discursiva,¹ as relações entre enunciador e enunciatório, inscreve-se, desse modo, em uma tradição ligada à retórica, que destaca a íntima relação entre as três provas aristotélicas: *éthos*, *logos* e *páthos*. À primeira delas, corresponde o enunciador; à segunda, o discurso; e à última, o enunciatório. Na realização do fazer persuasivo do enunciador – a que corresponde, do outro lado, o fazer interpretativo do enunciatório e sua aceitação (ou não) do “contrato” proposto –, a imagem daquele que enuncia (*éthos*) é algo que se soma a recursos linguísticos e argumentativos apresentados pelo discurso (*logos*) e previamente adaptados às disposições do enunciatório (*páthos*).

O exame da interação entre esses três elementos pode permitir observar o que, do ponto de vista das relações discursivas mantidas entre enunciador e enunciatório, caracteriza o discurso messiânico.

1 MESSIANISMO E DISCURSO

Falar em discurso messiânico é remeter ao mito bíblico do messianismo. Segundo Vanderlinde (2008, p. 88), o messianismo refere-se originalmente à crença judaica na vinda de um libertador ou salvador, o Messias, que poria fim em uma realidade caótica e perversa, estabelecendo uma outra de justiça e felicidade. Löwy (1990, p. 134), complementando essa ideia, diz que, no messianismo judaico, “a chegada do Messias é uma irrupção catastrófica” e um acontecimento necessariamente público, perceptível no mundo visível, em vez de ter sua ocorrência no interior de cada indivíduo. A implicação disso, no seu entender, é a negação da possibilidade de uma redenção pelo progresso humano. Segundo o autor, esse acontecimento – a chegada do Messias – levaria os escolhidos de um forte decaimento a uma imediata redenção (LÖWY, 1990, p. 135).

Tais considerações poderiam levar à conclusão de que, ao falar em discurso messiânico, tratamos de um objeto relacionado estritamente ao domínio religioso, de onde provém a crença em um Messias salvador, o que, no entanto, não é o caso. Tavares (1998), por exemplo, ao analisar os discursos do político Fernando Collor, ao longo da campanha à Presidência da República em 1989, toma-os como realizações do discurso messiânico. Podemos citar ainda Silvestre (2007), que, ao examinar diferentes matérias sobre a ciência produzidas por revistas semanais, nelas observa uma ocorrência do discurso messiânico. Não se trata de exceções, mas exemplos que se juntam a outras tantas apreensões do discurso messiânico feitas cotidianamente.

Nesse caso, ocorre o mesmo que na Antropologia, na História e na Sociologia, disciplinas nas quais o termo *messianismo* ganhou um sentido mais amplo, designando movimentos que, embora diferentes superficialmente, apresentam um quadro que alude a características do mito bíblico. Melatti (1972), por exemplo, fala de um messianismo krahô, em um período crítico para esse grupo indígena, que se via dizimado por proprietários rurais. Um líder místico atraiu tais índios com uma pregação que afirmava que a chuva, como divindade, aniquilaria os brancos e civilizaria os índios. O termo *messianismo*, nesse contexto, não se refere a um movimento necessariamente religioso, mas místico

e, sobretudo, mítico. Segundo Queiroz (1966), pode-se falar em messianismo judaico, cristão, tupi-guarani etc., pois o termo designa

todo e qualquer conjunto de crenças religiosas, ideias e atividades, através dos quais uma dada coletividade [...] expressa a sua recusa diante de intoleráveis condições de existência, manifestando a esperança de que um herói sobrenatural abrirá as portas de uma vida livre de misérias e injustiças. (p. 250)

Assim como movimentos ocorridos em diferentes culturas podem ser tomados como movimentos messiânicos, a partir da reiteração do quadro acima, discursos que não apontam, de forma explícita, para o mito bíblico do messianismo podem receber (e recebem por observadores os mais diversos) o adjetivo *messiânico*, que alcançou um sentido mais amplo do que aquele que tinha originalmente.

Essa percepção de um discurso messiânico, em realizações discursivas muito diferentes do ponto de vista da superfície textual e provenientes de domínios variados, não pode, obviamente, ser fruto de algo aleatório, mas deve basear-se em uma reiteração de alguma natureza. Interessa-nos, por isso, de maneira geral, apreender o que, do ponto de vista linguístico-discursivo, responde por essa categorização. Especificamente, neste trabalho, procuramos refletir sobre o que, do ponto de vista do componente argumentativo, permite que se fale em discurso messiânico.

Analisando os traços do messianismo descritos acima, podemos tomar, inicialmente, o discurso messiânico como a inscrição de um dado discurso, proveniente de não importa qual domínio, numa ordem mítica que guarda relação com o quadro do messianismo. Essa ordem mítica parece dar-se pela manifestação da recusa de um dado grupo em relação a uma determinada situação caótica (qualquer que seja ela) e a esperança mítica de uma intervenção abrupta de uma figura considerada como sobre-humana (qualquer que seja ela), capaz de salvar esse grupo, isto é, de levá-lo a uma condição de felicidade.

2 ESBOÇO DE UMA RETÓRICA DO DISCURSO MESSIÂNICO

Explicado o que entendemos por discurso messiânico, cumpre agora refletir sobre suas possíveis regularidades no que diz respeito às

relações estabelecidas entre enunciador e enunciatário via discurso, isto é, no que tange ao componente argumentativo, como já sinalizamos. Nesse sentido, queremos propor aqui um esboço do que poderíamos chamar de *retórica do discurso messiânico*, entendida como aquilo que, nesse discurso, está ligado ao fazer crer.

Destacamos, na descrição do messianismo em sentido amplo, que é possível observar, como característica principal, a recusa de um dado grupo em relação a uma situação tirânica, caótica, perversa em que se encontra ou crê encontrar-se. Se tomarmos o discurso messiânico como um discurso dirigido a um grupo com essas características, podemos pensar, inicialmente, em um sistema de crenças e de disposições do enunciatário em que o enunciador deve basear-se e ao qual deve adaptar-se. Não seria equivocado pensar ainda que, em razão da recusa da realidade em que se encontra, tal grupo experimenta emoções como aflição, angústia, o que não é senão uma disposição afetiva do enunciatário, algo que integra o *páthos*, podendo ser explorado no discurso messiânico.

Observando o outro polo da cena enunciativa, podemos pensar na imagem do enunciador, no *éthos* que possa contribuir com o fazer persuasivo do discurso messiânico. Cabe lembrar que, não raramente, além de se falar em discurso messiânico, fala-se em caráter e tom messiânicos, aspectos mais relacionados ao nível da enunciação. A questão do *éthos* se coloca, assim, como indispensável na retórica do discurso messiânico que aqui esboçamos. O *éthos*, ligado ao discurso messiânico, no entanto, não pode se construir, a nosso ver, senão pela relação que estabelece com uma imagem específica de enunciatário (*páthos*) e com recursos linguísticos e argumentativos específicos (*logos*) que, em conjunto, aludam ao quadro do messianismo.

Por isso, para efeito de hipótese, contemplaremos, por ora, duas modalidades ligadas ao enunciador do discurso messiânico: o *saber* e o *poder*. No primeiro caso, o enunciador pode mostrar-se como aquele que detém um *saber levar* o enunciatário do quadro negativo em que se encontra a um estado de plenitude. Com a modalidade do *saber*, o enunciador surge como um “líder carismático” que pode aproximar o enunciatário do “salvador” ou conduzi-lo até este. O enunciador pode ainda mostrar-se dotado de um *poder transformar* o estado do enunciatário, assumindo-se como o próprio “salvador”.

Cabe ressaltar que, ao falar de um enunciador que se apresenta como o próprio salvador, não estamos nos referindo a casos de patologia, mas à construção de uma imagem de enunciador a serviço do fazer crer. Esse parece ser o caso já citado dos discursos de Collor ao longo da campanha presidencial de 1989, que, analisados por Tavares (1998), permitiram-lhe apreender o “tom messiânico” do então candidato.

Por fim, cabe discutir o que se deve esperar quanto ao *logos* nesse esboço de uma retórica do discurso messiânico. Na descrição do messianismo feita anteriormente, vimos que nele se nega a resolução dos problemas pelo progresso humano, em proveito de possíveis intervenções míticas que contrariam o que seria esperado na ordem natural das coisas. Isso nos remete aos regimes de sentido do *acontecimento* e da *rotina*² propostos por Zilberberg (2007).

No *acontecimento*, a conjunção do sujeito com o objeto se dá na ordem do *sobrevir*, ou seja, ocorre de forma abrupta, pois, nesse regime, a causalidade se mostra inoperante: o sujeito é apreendido, inesperadamente, por algo que denega seus cálculos e suas expectativas. O *acontecimento* se opõe à *rotina*, em que a conjunção do sujeito com o objeto é *conseguida*, porque buscada progressivamente por ele, que lança mão de etapas necessárias para chegar a esse fim. Na *rotina*, ocorre ainda a *focalização*, definida como ter algo em vista ou esforçar-se para atingir um resultado, enquanto, no *acontecimento*, dá-se a *apreensão*, que remete ao *sobrevir*: ao estado do sujeito inicialmente espantado, admirado, impressionado e, dali por diante, marcado pelo que lhe aconteceu. Finalmente, o que ocorre na *rotina* é da ordem da *implicação*, podendo ser expresso pela fórmula “se a, então b”. Já o que se dá no *acontecimento* é da ordem da *concessão*, podendo ser expresso pela fórmula “embora a, não b” ou “a, entretanto não b”. O Quadro 1 abaixo resume essa discussão:

QUADRO 1- ESTRUTURAS DA ROTINA E DO ACONTECIMENTO

	Rotina	Acontecimento
Modo de existência	Focalização	Apreensão
Modo de eficiência	Conseguir	Sobrevir
Modo de junção	Implicação	Concessão

Fonte: Adaptado de Zilberberg (2007, p. 25)

Para Zilberberg (2007), os discursos que se valem da ordem do *acontecimento* podem ser considerados discursos de natureza mítica, já que, neles, não se percebe qualquer processo; as transformações irrompem de tal forma que parecem provir de alguma instância sobrenatural.

Podemos relacionar essas duas ordens de sentido à noção de *logos*, entendido, vale ressaltar, não apenas como a racionalidade do fazer persuasivo, mas também como o discurso-enunciado propriamente dito. O *logos* como racionalidade pode ser relacionado à *rotina*, já que privilegia o que é da ordem do verossímil, do previsível, da implicação lógica.³ Porém, no que diz respeito à ordem do *acontecimento*, que foi anteriormente relacionada ao mítico, seu apelo pode ser entendido, no âmbito deste trabalho e para os objetivos aqui propostos, como uma forma de *paralogismo*, por se opor ao *logos* enquanto racionalidade lógica, mas dele fazer parte como discurso-enunciado.

Os paralogismos são tradicionalmente entendidos como raciocínios que se mostram logicamente válidos apenas em aparência. Do ponto de vista discursivo, essa definição permite que se tirem duas conclusões: 1) que aquilo que se toma como paralogismo é, antes de mais nada, algo que integra o *logos* como discurso-enunciado, porque nele se manifesta; 2) que intervém aí um fazer interpretativo, que avalia o discurso-enunciado como não válido a partir de um critério específico – o ponto de vista do lógico, do verossímil. A noção de paralogismo encerra, assim, um parâmetro e um julgamento em relação aos raciocínios. Em última análise, do ponto de vista que nos interessa aqui (o discursivo), um inventário de paralogismos não é senão uma série de recursos de que o sujeito, na condição de destinatário de um dado objeto-discurso, pode se valer no momento do seu fazer interpretativo para avaliar a validade lógica do fazer crer a ele dirigido.

Parece ser essa, aliás, a compreensão que anima a ampliação do sentido conferida à noção de paralogismo no âmbito da pragma-dialética. Rompendo com o sentido inicial do termo – a saber, argumentos que parecem válidos sem o ser –, essa abordagem da argumentação abriu espaço para a descrição de procedimentos antes não contemplados, aplicando-se aos mais variados desvios possíveis em uma discussão crítica idealizada (ver VAN EEMEREN e HOUTLOSSER,

2004, p. 46-47). Apoiando-nos nessa ampliação de sentido, tomaremos como *paralogismo messiânico* a manifestação de uma proposta de resolução dos problemas do enunciatório que, marcada pela ausência de um processo, pode dar-se apenas por meio de uma intervenção radical e mítica de uma instância sobrenatural. Em outras palavras: trata-se de uma intervenção pontual que se opõe, portanto, à durabilidade do processo.

Cabe dizer ainda que, nessa proposta de um paralogismo messiânico, acha-se imbricada uma questão ligada à imagem (ao *éthos*) do enunciador: não é senão por apresentar-se como portador de um saber verdadeiro que este pode fazer uso desse tipo de recurso, servindo ele próprio de fiador do que propõe. Isso nos remete ao que diz Charaudeau (2006) sobre o *éthos* do chefe-profético, incluído entre os *éthe* capazes de gerar identificação entre locutor e destinatário. Remete igualmente ao que discutem Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 237) nas suas considerações sobre a relação entre o orador e seu discurso, ao fazerem referência a uma imagem de chefe caracterizada por um prestígio sobrenatural, capaz de permitir que este se oponha a fatos e à razão, sem cair no ridículo aos olhos daqueles que o seguem.

Essa questão, ao deixar clara a estreita relação que se estabelece entre as provas retóricas, mostra a pertinência de pensarmos em uma análise integrada dos elementos do componente argumentativo do discurso messiânico. Nesse sentido, gostaríamos de testar o esboço traçado acima, analisando dois textos. Por uma questão de espaço, vamos nos ater estritamente aos elementos relacionados ao que propomos chamar de retórica do discurso messiânico.

3 ANÁLISE DOS TEXTOS

O primeiro texto analisado é das Testemunhas de Jeová (TJs), grupo religioso que apresenta um discurso assumidamente messiânico no sentido original do termo, na medida em que prega que vivemos em um mundo que se arruína progressivamente e que terá fim em breve pela implantação do reino messiânico e milenar de Cristo na Terra.

Vejam-se inicialmente os seguintes trechos do texto contemplado, uma apresentação de *O que a Bíblia realmente ensina?* – livro distribuído pelas TJs:

ABRA qualquer jornal. Assista a um noticiário na televisão ou no rádio. Quantas notícias sobre crime, guerra e terrorismo! Pense nos seus próprios problemas. Talvez uma doença ou a morte de um ente querido esteja lhe causando grande sofrimento. Você talvez se sinta como Jó, um homem bom que certa vez disse que se sentia ‘mergulhado na aflição’. – Jó 10:15, *Nova Versão Internacional*.

[...]

Pense um pouco em suas próprias ansiedades e problemas. Talvez envolvam questões financeiras, problemas familiares, doença, ou a morte de uma pessoa amada. A Bíblia pode ajudá-lo a enfrentar os problemas, e trazer-lhe alívio [...]. (TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, 2012)

Podemos observar, nos trechos acima, a referência a uma abundância de males, como *crime, guerra, terremoto*, que podem ser observados em qualquer veículo de comunicação, segundo o texto. O leitor é convidado a pensar nos seus próprios problemas: uma morte na família, a solidão, os problemas financeiros. O estado emocional desse leitor chega a ser enunciado: fala-se de alguém que se sente *mergulhado na aflição*, alguém que precisa de *alívio*. A imagem do enunciatário, desse modo, é a de alguém imerso em uma realidade caótica, opressora, aflitiva.

A questão que dá título à publicação apresentada também é relevante: *O que a Bíblia realmente ensina?* Essa pergunta nos leva a um enunciatário que crê em Deus, que tem a Bíblia como a Sua palavra e que, eventualmente, a conhece. Ao mesmo tempo, o enunciatário é tomado como alguém desorientado ou malconduzido na sua fé, porque não entende as razões do sofrimento nem sabe como eliminá-lo, mas recusa-se a aceitá-lo como algo natural. Não deixa de ser mais um componente da realidade caótica em que se encontra o enunciatário.

Quanto ao enunciador, este se vale das disposições do enunciatário, como as que apontamos nos dois últimos parágrafos, para realizar o seu fazer persuasivo. O próprio contato estabelecido entre ambos se dá pela referência explícita à realidade caótica, o que pressupõe um acordo prévio sobre as mazelas do mundo. O enunciador, por isso, se apresenta como alguém humano e solidário em relação ao sofrimento do outro, mas, sobretudo, para o que nos interessa neste estudo, como um sujeito do *saber*, que pode orientar o leitor e ajudá-lo a entender as

razões de seu sofrimento, porque sabe as coisas boas que Deus fará. O enunciador apresenta-se como um hermeneuta singular, portador de um saber verdadeiro, que se opõe a um saber falso, equivocadamente sobre o que a Bíblia ensina (vide a questão colocada ao leitor: “o que a Bíblia *realmente* ensina?”).

E o que o discurso ou o *logos* oferece ao enunciatário como solução para seus males? Há no texto um grande quadro em que se apresenta o que a Bíblia “realmente” ensina. Nesse quadro, que reúne diferentes trechos da Bíblia, veem-se as transformações, devidamente ilustradas, que Deus fará na Terra, o que reproduzimos a seguir, mantendo, por uma questão de espaço, apenas a parte verbal:

“Enxugará dos seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor”. – Revelação (Apocalipse) 21:4

“O coxo estará escalando como o veado.” – Isaías 35:6

“Abrir-se-ão os olhos dos cegos.” – Isaías 35:5

“Todos os que estão nos túmulos memoriais [...] sairão.” – João 5:28, 29

“Virá a haver bastante cereal na terra.” – Salmo 72:16

“Nenhum residente dirá: ‘Estou doente.’” – Isaías 33:24 (TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, 2012)

Como se vê, a superação da situação caótica não ocorre na forma lógica da *rotina*, mas na forma mítica do *acontecimento*, que justapõe o quadro afitivo ao quadro de redenção. Não se trata de uma construção processual que permita a resolução dos problemas, mas de uma intervenção sobre-humana capaz de levar de forma imediata – isto é, sem etapas que conduzam a um fim – do caos à ordem, do extremo sofrimento à plenitude. Podemos ver, assim, o recurso ao *paralogismo messiânico* no discurso das TJs, completando os elementos da retórica do discurso messiânico aqui esboçada.

Ocorre que o discurso das TJs pertence ao domínio religioso, campo discursivo em que a esperança de uma intervenção divina, na forma de *acontecimento*, é algo doxal. Além disso, como dissemos anteriormente, o discurso das TJs é assumidamente messiânico. Por

esse motivo, recorreremos à capa de um dos números da revista *Veja* (Imagem 1) e à reportagem que ela destaca, como forma de continuar a reflexão sobre uma possível retórica do discurso messiânico, no sentido amplo que lhe demos.



IMAGEM 1- REVISTA *VEJA*, ED. 1932, 23 NOV. 2005

Essa capa e a reportagem correspondente fazem parte do *corpus* de Silvestre (2007), que as tomou como exemplos do discurso messiânico. A autora observa que a representação discursiva da ciência médica a coloca como salvadora de sujeitos vitimizados, fragilizados, que vivem oprimidos por um discurso que exige que “sejam mais saudáveis, mais bonitos e mais potentes” (p. 92). A análise bastante perspicaz de Silvestre (2007) aponta para o que denominamos aqui a retórica do discurso messiânico, pois apresenta os participantes do ato de linguagem – enunciatador, enunciatário e discurso – de uma forma próxima àquela que descrevemos.

Começando pela imagem do enunciatório, aquele a quem o enunciador-jornalista se dirige, podemos observar alguém que, de certo modo, rejeita uma realidade cruel, caótica: um mundo marcado por doenças pelas quais se passa ou se poderá passar. Essa rejeição, como observa a autora, com sagacidade, parece ser uma característica contemporânea, na medida em que observamos hoje uma verdadeira cultura de medicalização e de submissão a procedimentos médicos, cultura essa alimentada por um discurso de extrema valorização da juventude e da perfeição física.

O enunciador-jornalista coloca-se aqui como alguém que detém um *saber* sobre uma “instância maior” ou uma “divindade” – a ciência médica –, que é capaz de resolver todos os males humanos ligados à saúde. Assim como o discurso das TJs, o discurso da revista busca dar conforto aos leitores, apontando para uma nova ordem sem sofrimento. Não por acaso o discurso religioso perpassa o discurso jornalístico na abordagem das chamadas células-tronco, de tal maneira que a ciência médica é alçada a uma condição divina, o que se nota pela imagem alusiva ao afresco de Michelangelo, *A criação de Adão*, elementos também destacados por Silvestre (2007).

Se, de um lado, o discurso religioso é bastante evocado, por outro é paralelamente rechaçado pela valorização do homem e de sua capacidade de solucionar problemas, pensamento humanista também retomado pela alusão à obra do pintor renascentista. Tais valores configuram-se inclusive como objetos de acordo entre enunciador e enunciatório, sendo, assim, utilizados como base do fazer persuasivo.

Os elementos referentes à abordagem das pesquisas com células-tronco pela *Veja* foram bem examinados por Silvestre (2007). Sozinhos, no entanto, eles não conferem, a nosso ver, um estatuto de discurso messiânico aos textos em questão. Falta, aliado a esses elementos, o recurso ao paralogismo messiânico no *logos*-discurso, o que é apenas sugerido pela analista, cujo foco era evidentemente diferente do nosso.

Na perspectiva apresentada pela *Veja*, as transformações realizadas pela ciência médica não se dão na ordem da *rotina*, pois não resultam de etapas preparatórias em que se vê umnexo causal lógico. Elas são apresentadas na ordem do *acontecimento*, como algo que se impõe ao sujeito de forma mítica, o que parece também explicar a apropriação do discurso religioso.

Isso fica mais evidente na reportagem que a capa destaca. Nela se acham depoimentos e imagens de pessoas que tiveram sua realidade modificada, na forma de um acontecimento, pelo tratamento com células-tronco. Reproduziremos aqui, por questão de espaço, apenas um desses depoimentos, que pode ilustrar o que dissemos.

E ELE FOI À PADARIA SOZINHO



Foto: Oscar Cabral

Sofri dois infartos. Um em 1999 e o outro no ano seguinte. Parte do meu coração já não funcionava, sentia falta de ar, dor no peito e muita dificuldade para me locomover. Não caminhava, e até comer era difícil. Minha única chance de viver era conseguir um coração novo. Fiquei quase um ano na fila, à espera do órgão, até que fui selecionado para as pesquisas com células-tronco. O transplante durou cinco horas. Fui internado numa sexta-feira e no domingo já estava em casa. No dia seguinte, levantei da cama e fui à padaria sozinho. Estava me sentindo tão bem que comecei a chorar de emoção. O médico pediu calma, disse que eu não podia abusar. Mas era difícil me conter. Eu estava condenado à morte e recebi minha vida de volta através de algumas injeções de células-tronco.

José Carlos da Rosa, 57 anos, mecânico aposentado, do Rio de Janeiro.

Fonte: Revista *Veja*, ed. 1932, 23 nov. 2005

Todos os depoimentos são como o que se vê acima. Neles, o estado caótico – o sofrimento com doenças cardíacas, sequelas graves de derrames, leucemia e esclerose múltipla – cede rapidamente lugar a outra condição: a de saúde e felicidade. Há praticamente um apagamento dos procedimentos ou das etapas do processo (*através de algumas injeções de células-tronco*); a alteração é marcada por um

andamento rápido e uma duração breve (*No dia seguinte, levantei da cama e fui à padaria sozinho*), traços do *acontecimento* (ZILBERBERG, 2007). Soma-se a isso o título atribuído ao depoimento (*E ele foi à padaria sozinho*), que dá à narrativa um componente mágico e dialoga com a figura do *milagre* presente na capa da revista.

Essa forma de abordagem, ao esconder a relação de implicação lógica que o fazer científico pressupõe e apresentá-lo na ordem do *acontecimento*, do mítico, é o que, principalmente, a nosso ver, responde pelo caráter messiânico do texto examinado, aproximando-o do texto anterior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemos aqui refletir sobre as possíveis regularidades ligadas às relações estabelecidas entre enunciador e enunciatário no chamado discurso messiânico. Nessa reflexão, procuramos esboçar, a partir das três provas retóricas, o que pode constituir um conjunto de recursos argumentativos que caracteriza e, em certa medida, identifica o discurso em questão. Assim, ao fechar o texto, gostaríamos de empreender um duplo movimento: retomar os dados obtidos na análise e apontar possíveis vias que se abrem em relação ao exame das três provas retóricas na interação que configura o que procuramos compreender como uma retórica do discurso messiânico.

A análise feita nos permite chegar a uma possível identidade mínima do discurso messiânico no que diz respeito ao seu componente argumentativo. Em termos de *páthos*, evidencia-se uma imagem de enunciatário marcada por uma situação (sensação) de vulnerabilidade e de angústia em relação a uma realidade tida como opressora. O que varia aí são os problemas de que se vale o enunciador para atualizar essa disposição, essa condição visada, embora eles apontem, de modo geral, para a falta de um absoluto. Quanto às demais provas, estas respondem à condição/disposição visada. Em relação ao *éthos*, notamos que o enunciador constitui-se como sujeito do *saber*, não de um saber entre outros, mas de um *saber* singular capaz de indicar a (única) saída possível para a condição aflitiva. No *logos*-discurso, por sua vez, a saída apresentada encerra o que denominamos “paralogismo messiânico”,

que consiste na “promessa” de intervenção mítica por uma entidade sobre-humana (ciência médica/divindade), com indiscutível apelo ao *páthos*.

Como se vê, a identidade do discurso examinado – o messiânico – está, em certa medida, ligada à articulação das três provas retóricas, tal como buscamos esboçá-la. Isso não quer dizer que a atuação de cada uma delas não possa ser mais bem determinada, detalhada no interior desse conjunto, razão pela qual passaremos, nas próximas linhas, a apontar algumas possíveis vias abertas no/pelo presente trabalho.

Uma dessas vias, ligada ao *éthos*, é certamente aquela que remete às diferentes formas de constituição do enunciador como sujeito do *saber*. Este pode, à maneira dos místicos e profetas, reclamar para si uma experiência de acesso direto e excepcional (visões, sonhos, pressentimento etc.) à verdade relacionada ao fim das mazelas do presente. Pode ainda construir-se, mais ordinariamente, como intérprete ou hermeneuta, situação que lhe permite chegar à verdade graças ao exame de indícios, de dados variados ou, no caso mais típico, de textos sagrados, cujos sentidos não se revelam senão à perspicácia de poucos. Esses dois casos, apresentados como exemplo, não deixam de corresponder a diferentes tipos (subtipos?) de *éthos*: no primeiro, a um *éthos* mais ligado ao próprio *éthos*, centrado na figura singular do enunciador; no segundo, a um *éthos* que não deixa de ter relação mais direta com o *logos*, na medida em que tende a prevalecer a coerência interna da interpretação apresentada. São variações que podem revelar-se no exame dessa prova no interior da retórica do discurso messiânico.

Outra via aqui percebida (e que pode mostrar-se produtiva no exame da retórica do discurso messiânico) está ligada ao que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 94-95) chamam de *lugares do preferível*, que, sendo não raramente subentendidos, “intervêm para justificar a maior parte de nossas escolhas”. O que nos interessa mais diretamente nessa questão é a oposição entre o lugar da *quantidade* e o lugar da *qualidade*: o primeiro está na base da preferência, por exemplo, pelo habitual/normal em relação ao circunstancial/excepcional, ou ainda pelo provável em relação ao improvável; já o segundo vai em sentido contrário, tendo em vista que valoriza o raro, o único, o improvável. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 109), o lugar da qualidade

é frequentemente empregado na argumentação que quer mudar a ordem estabelecida. Por isso, outro traço da retórica do discurso messiânico pode ser a rejeição ao lugar da quantidade e a consequente preferência pelo lugar da qualidade, o que é sugerido pela relação do discurso messiânico com a ordem do acontecimento e pelo aparente desejo do absoluto no que tange ao enunciatório visado.

Essas vias apontadas não se pretendem exaustivas; ao contrário, buscam apenas deixar mais claro aquilo que procuramos fazer ao longo deste artigo (e que está, inclusive, renunciado no/pelo título): uma primeira reflexão acerca do componente argumentativo do discurso messiânico. Por isso, quer pelas vias indicadas, quer por outras que se revelem posteriormente, o que se discutiu aqui certamente requer ampliação e aprofundamento, se quisermos desvelar o que pode ser uma retórica do discurso messiânico.

OUTLINE OF RHETORICAL ASPECTS OF THE MESSIANIC DISCOURSE

ABSTRACT

In this article, we discuss the argumentative component of the messianic discourse, understood as a discourse whose configuration refers to the framework of the biblical myth of messianism. Articulating the contributions of French Semiotics and Rhetoric, we seek to explore the concepts of ethos, pathos and logos while examining the relations between enunciator and enunciate in/by the focused discourse. Starting with the theoretical approach, followed by the analysis of two texts, we tried to outline what we call “rhetoric of the messianic discourse”, that is, a set of elements that characterize the argumentative component of such a discourse, beyond the religious field.

KEY WORDS: messianic discourse, french semiotics, rhetoric.

ESBOZO DE UNA RETÓRICA DEL DISCURSO MESIÁNICO

RESUMEN

En este artículo, analizamos el componente argumentativo del discurso mesiánico, entendido como un discurso cuya configuración alude al mito bíblico del mesianismo. Promoviendo una articulación de contribuciones de la

semiótica francesa y de la retórica, buscamos explorar los conceptos de ethos, pathos y logos en el examen de las relaciones entre enunciador y enunciatario en/por el discurso en cuestión. Empezando por un abordaje teórico, seguido del análisis de dos textos, buscamos esbozar lo que llamamos “retórica del discurso mesiánico”, es decir, un conjunto de elementos que caracterizan el componente argumentativo de este discurso que traspasa los límites del ámbito religioso.

PALABRAS CLAVE: discurso mesiánico, semiótica francesa, retórica.

NOTAS

1. Lembramos que a semiótica francesa examina o plano de conteúdo dos textos por meio do percurso gerativo de sentido, que vai do mais simples e abstrato – o nível fundamental – ao mais complexo e concreto – o nível discursivo –, passando por um nível intermediário – o narrativo. Cada um desses níveis apresenta dois componentes: o sintático (ou sintáxico) e o semântico.
2. Zilberberg (2007) prefere o termo “exercício”, que toma emprestado das análises da pintura holandesa de Claudel. De nossa parte – e em sintonia com as traduções feitas dos textos desse autor para o português –, usaremos o termo “rotina”, até porque, a nosso ver, ele se enquadra melhor na definição proposta.
3. O próprio Zilberberg (2011, p. 196) explicita a relação entre a retórica e os regimes de sentido aqui explorados, embora ele o faça a partir da divisão tradicional entre, de um lado, a argumentologia, da ordem da implicação e, de outro, a tropologia, da ordem da concessão.

REFERÊNCIAS

- CHARAUDEAU, P. *O discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FIORIN, J. L. O *éthos* do enunciador. In: CORTINA, A.; MARCHEZAN, R. C. (Orgs.). *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: Laboratório Editorial/FCL/Unesp; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004. p. 117-138.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

LÖWY, M. *Romantismo e messianismo: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1990.

MELATTI, J. C. *O messianismo krahô*. São Paulo: Herder/USP, 1972.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

QUEIROZ, M. V. de. *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do contestado: 1912-1916*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

REVISTA VEJA. Edição 1932. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/231105/p_118a.html>. Acesso em: 5 dez. 2012.

SILVESTRE, A. *O sujeito e o páthos na mídia: uma análise do discurso sobre saúde nas matérias de capa das revistas Veja e Época*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

TAVARES, O. *Fernando Collor: o discurso messiânico – o clamor ao sagrado*. São Paulo: Annablume, 1998.

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ. *O que a Bíblia realmente ensina*. Disponível em: <<http://www.jw.org/pt/publicacoes/livros/B%C3%ADblia-Ensina/Ser%C3%A1-que-era-isso-o-que-Deus-queria>>. Acesso em: 5 dez. 2012.

VANDERLINDE, T. A peregrinação por um novo território. *GEoграфия* (UFF), v. 10, p. 84-102, 2008.

VAN EEMEREN, F. H.; HOUTLOSSER, P. Une vue synoptique de l'approche pragmatodialectique. In: DOURY, M.; MOIRAND, S. (Orgs.). *L'Argumentation aujourd'hui: positions théoriques en confrontation*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2004. p. 45-75.

ZILBERBERG, C. Louvando o acontecimento. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 13, p. 13-28, 2007.

_____. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução de Ivan Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

Recebido em 30 de abril de 2014

Aceito em 22 de setembro de 2014
